

**O discurso religioso sustentado na reportagem
Cela 15- Ventres Encarcerados**

*The religious discourse supported in the report
Cela 15- Wombs Incarcerated*

Moisés de Araújo SILVA¹
Maria Beatriz Santos de OLIVEIRA²

Resumo

O artigo apresenta um panorama do que é, como surgiu o Jornalismo Literário e como é empregado no contexto jornalístico na busca por humanização e subjetividade. Este trabalho é resultado de análise da reportagem apresentada no Intercom por estudantes de Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba e conta a história de presas que precisam dar à luz dentro do cárcere, na Penitenciária Maria Júlia Maranhão, em João Pessoa. A forma como a matéria foi construída reflete as características do Jornalismo Literário e seus enunciados foram analisados, através da escola francesa de Análise do Discurso. A partir dessa análise, foi possível concluir que a reportagem se utiliza do texto jornalístico literário, mas seu discurso predominante é o religioso-familiar.

Palavras-Chave: Jornalismo literário. Discurso religioso-familiar. Penitenciária Maria Júlia Maranhão.

Abstract

The article presents an overview of what it is, how Literary Journalism emerged and how it is used in the journalistic context in the search for humanization and subjectivity. This work is the result of the analysis of a report presented on Intercom by Journalism students at the Federal University of Paraíba and tells the story of prisoners who need to give birth inside the prison, at the Maria Júlia Maranhão Penitentiary, in João Pessoa. The way the article was constructed reflects the characteristics of Literary Journalism and its statements were analyzed through the French school of Discourse Analysis. From this analysis, it was possible to conclude that the report uses literary journalistic text, but its predominant discourse is religious-family.

Keywords: Literary journalism. Religious-family discourse. Maria Júlia Maranhão Penitentiary.

1 Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Professor pela Universidade Estadual da Paraíba. Líder do grupo de pesquisa Linguagem e Comunicação. E-mail: adpesquisa@hotmail.com

2 Graduada em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: obeatriz394@gmail.com

Introdução

O jornalismo busca as melhores formas de entregar à sociedade a informação de forma rápida, eficiente e verídica. Isso nem sempre significou colocar a subjetividade e sensibilidade do texto em primeiro lugar. É esse objetivo uma das ideias que o Jornalismo Literário se propõe.

Também chamado de Novo Jornalismo, o Jornalismo Literário é criado na década de 1960 na imprensa americana, encabeçado por nomes como Truman Capote, Gay Talese e Tom Wolfe. As grandes características dessa nova forma de escrita jornalística são a subjetividade e a produção de reportagens mais aprofundadas e detalhistas, sem deixar de lado a humanização das personagens envolvidas.

O Jornalismo Literário mantém a essência factual e de busca pela verdade do jornalismo tradicional, porém com um ganho em vocabulário, estrutura narrativa e observação profunda do conteúdo. Para alcançar esse nível de profundidade é preciso um engajamento, tempo e proximidade maior com fontes, espaços e estórias.

É o caso da reportagem que foi analisada no presente trabalho. Intitulada “Cela 15- Ventres Encarcerados”, a reportagem foi produzida por quatro estudantes do curso de Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba, sob orientação do professor Edônio Alves. As autoras: Daniella Fechine, Elisa Damante, Gabriela da Silva e Ivone Beatriz tinham como objetivo principal o de resgatar e utilizar técnicas do jornalismo literário para contar a história de três mulheres que vivem na cela 15 da Penitenciária de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão, em João Pessoa na Paraíba. A cela em questão é destinada para que detentas grávidas, após o nascimento da criança, possam amamentar e cuidar dos seus filhos até os seis meses, quando estes são entregues à parentes fora do cárcere.

Optamos por usar a teoria e método da escola francesa de Análise do Discurso, ligada à Pêcheux. Assim, levando em conta a tese da interpelação do sujeito pela ideologia, a Análise do Discurso define discurso como um fenômeno constituído não por apenas elementos linguísticos, mas por elementos “extralinguísticos”, sendo esses elementos fatores como: estrutura da formação social, ideologia, posições de classe, contexto histórico etc.

A partir do conceito de discurso proposto pelos autores mencionados acima, foi feita a análise dos enunciados da reportagem Cela 15 – Ventres Encarcerados, buscando

examinar o teor ideológico por trás de cada discurso ali escrito, assim como o não-dito das palavras.

Ao finalizar a análise da reportagem foi percebida a predominância do discurso religioso-familiar durante a maior parte da construção do produto jornalístico, além da utilização da estrutura textual e narrativa característica do Jornalismo Literário.

Jornalismo Literário: contexto e características

Sob os efeitos econômicos, políticos e das transformações sociais e culturais, o ato de narração jornalística precisou ser sistematizado e metodizado. A partir desse momento que conceitos como o da pirâmide invertida e o do lead surgirão para ditar as regras de como fazer jornalismo da forma mais acertada possível, com o objetivo de entregar a notícia de maneira rápida e objetiva.

É dentro de tal contexto que aparece o Novo Jornalismo ou Jornalismo Literário. Por meio da necessidade que se enxergou de distanciar-se dessa forma engessada e distante de fazer jornalismo, repórteres estadunidenses passaram a integrar o estilo de narrativa literária à escrita de suas notícias e estórias.

O marco inicial do que viria a ser chamado de jornalismo literário, aconteceu em 1946, quando a revista *The New Yorker* dedicou toda uma edição para publicar Hiroshima, de John Hersey, livro que viria a se tornar uma das principais referências dessa forma de fazer jornalístico. O livro, escrito em 6 semanas de trabalho de campo, narra com precisão e riqueza de detalhes a devastação e as trágicas consequências da bomba atômica, atirada na cidade de Hiroshima, no Japão, em 1945, final da 2ª Guerra Mundial. Através de um relato repleto de características literárias, Hersey consegue trazer humanização e expor o medo, a confusão e o pânico que marcaram a catástrofe e as suas vítimas.

No contexto do cenário brasileiro do Jornalismo Literário também há grandes nomes a serem mencionados, como os jornalistas Paulo Patarra, Daniela Arbex e Eliane Brum.

Patarra foi o principal nome da Revista Realidade, publicação brasileira lançada pela Editora Abril em abril de 1966 e em circulação até março de 1976. A revista ficou marcada pela forte inspiração no Novo Jornalismo americano, trazendo grandes reportagens em profundidade, que permitiam que o repórter ‘vivesse’ a matéria por meses até a sua publicação.

Daniela Arbex é uma jornalista natural de Minas Gerais e conhecida por grandes obras como *Holocausto Brasileiro* (2019) e *Todo dia a mesma noite: a história não contada da Boate Kiss* (2018). Arbex segue uma filosofia de apuração muito compartilhada entre os bons jornalistas literários: o menor interesse na exatidão das palavras de suas entrevistas, como faz o jornalismo rotineiro, e maior interesse em vislumbrar os sentidos mais profundos mascarados pelas palavras dos entrevistados.

De acordo com a autora: “Somente a partir da apuração, checagem e entrevistas, o material levantado pode ser *decupado*, iniciando-se o processo de escrita e adequação das ferramentas literárias.” (ARBEX, 2019, p.5). Dessa forma, a narrativa consegue ser rica em detalhes, humanizada e pungente. Nas palavras dela: “O meu processo de apuração acontece em uma imersão profunda.” (ARBEX, 2019, p.5).

De maneira resumida, o jornalismo literário busca informar acontecimentos utilizando uma narrativa própria da ficção.

Em um dos seus livros, intitulado *Linguagem Jornalística*, o jornalista e professor Nilson Lage (2005, p.26) listou algumas características primordiais que devem estar presentes em todo texto jornalístico. São elas: é um texto de consumo imediato; procura sempre obter informação conceitual; precisa ser versátil; não precisa, necessariamente, seguir o uso formal da língua. No *Jornalismo Literário*, todas estas características citadas estão presentes. Além delas estarão também os atributos representativos do texto literário.

A principal diferenciação do texto literário em relação ao texto jornalístico é sua carga estética. A literatura exerce uma carga ficcional, além de fazer referência à função poética da linguagem. O texto literário se concentra, de maneira geral, na expressividade do seu autor. Nesse tipo de construção, há uma série de manifestações poéticas que permitem que haja espaço para o subjetivo. Dessa forma, ao listarmos as características principais do texto literário teremos: a ênfase na função poética da linguagem; aspecto subjetivo; uso da conotação; plurissignificação e a ficcionalidade³.

A ênfase na função poética da linguagem está diretamente ligada à estética do texto. Para construir esse aspecto estético serão utilizadas figuras de linguagem, a musicalidade e outros elementos que conferem à escrita uma alta carga de expressividade.

3 WARLEY SOUZA. *Brasil Escola*. 2023? Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/texto-literario.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2023.

O aspecto subjetivo, por sua vez, diz respeito ao uso da personalidade e individualidade da linguagem e do autor e leitor. Além disso, dentro do constructo do texto literário tem forte presença também o uso da conotação. A conotação sendo nada mais que o uso da linguagem figurada, repleta de significações e sentidos ocultos nas entrelinhas da interpretação.

Por último, outra particularidade do texto literário é a ficcionalidade. Esse traço da literatura permite aos escritores criarem *mundos* em que se irão localizar as situações textuais. Esta última característica é pouco vista no Jornalismo Literário, uma vez que, por ser em sua essência jornalismo, preza pela veracidade dos fatos e situações.

Análise do Discurso: como analisa?

A escola francesa de Análise do Discurso se pavimenta ao procurar compreender os efeitos produzidos em um texto. Tal produção só se pode atravessar observadas as condições que determinam o enunciado. Assim, as Condições de Produção do Discurso dizem do sujeito e a situação.

A categoria do sujeito é definida duplamente: de um modo do ponto de vista ideológico e também pelo viés psicanalítico. O que se pode dizer do primeiro tópico é que a Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, sendo eles sempre já sujeitos. Isso ocorre de modo especular. Para Althusser:

Constatamos que a estrutura de toda a ideologia, interpelando os indivíduos como sujeitos em nome de um Sujeito Único e Absoluto, é especular, quer dizer, em espelho, e duplamente especular: este redobramento especular é constitutivo da ideologia e assegura o seu funcionamento. (ALTHUSSER, 1971, pg.110)

E é duplamente especular porque, além da submissão do sujeito ao Sujeito, há também “o reconhecimento mútuo entre os sujeitos e o Sujeito, e entre os próprios sujeitos, e finalmente o reconhecimento do sujeito por ele próprio.” (Althusser, 1971, pg 111). Ainda o autor (1971, pg 91) defende: 1—Só existe prática através e sob uma ideologia; 2 —Só existe ideologia através do sujeito e para sujeitos.) Destarte, o sujeito é assim pelas práticas que conduz livremente. Essa constituição se dá pelo tecido de evidências de como as coisas são e de quem são as coisas. Se por uma formação ideológica os sujeitos se identificam com suas práticas, o seu equivalente nas práticas do

dizer acontece pela filiação a uma Formação Discursiva que, conforme Pêcheux (1983, p.160) “determina o que pode e deve ser dito”. Com efeito um sujeito jornalista tem como evidente tudo o que pode e deve dizer e o que não pode, em uma reportagem, por exemplo. Por outro lado, nenhuma Formação Discursiva é homogênea. Ela é atravessada por outros discursos ali produzindo sentidos.

Daí entra a parte do viés psicanalítico que a AD arregimenta para perscrutar o sujeito. Todo sujeito é atravessado por um O(o)utro no dizer, que nos leva a afirmar que fala sempre “antes, em outro lugar e independentemente” (Pêcheux, 1983, pg.162). Esse outro dizer, o interdiscurso, aparece dissimulado pela Formação Discursiva. Está lá não explicitamente, cabendo ao analista entender as práticas de encadeamento dos enunciados que fazem o discurso.

É o que fizemos ao analisar as reportagens em Cella 15 – Ventres Encarcerados, quando identificamos o que está completando o discurso jornalístico-literário. Obviamente que a situação histórica que os enunciados foram produzidos determina como a reportagem diz ou provoca sentidos ao leitor.

Análise do Discurso aplicada à reportagem Cella 15 – Ventres Encarcerados

Para examinar a reportagem utilizando-se da AD é preciso levar em consideração o que Pêcheux denomina Formação Discursiva. De acordo com o autor, é essa formação que, numa formação ideológica e sempre determinada pela luta de classes, dará o sentido dos enunciados e este será totalmente dependente do seu posicionamento ideológico que, ao mesmo tempo, determina o dito.

Partindo para a interpretação do material analisado, o principal discurso que podemos apontar logo num primeiro momento é o discurso jornalístico. Este contém alta carga de objetividade, imparcialidade e fatorialidade. Porém, a característica que se mostra como base do discurso particular do jornalismo é a veracidade. É esse atributo que funciona como legitimação do discurso jornalístico enquanto conhecimento científico sistematizado, racionalizado e verificado.

Na reportagem escolhida, além do discurso próprio do jornalismo estará presente também o discurso literário. Este faz parte, para Michel Pêcheux, de uma modalidade em que os elementos do interdiscurso são incorporados:

[...] segundo a modalidade do “como se” (como se eu que falo estivesse no lugar onde alguém me escuta), modalidade na qual a “incorporação” dos elementos do interdiscurso (pré-construído e articulação-sustentação) pode se dar até o ponto de confundi-los, de modo a não haver mais demarcação entre o que é dito e aquilo a propósito do que é dito. Essa modalidade, que é a da ficção, representa, por assim dizer, a forma idealista pura da forma-sujeito sob suas diversas formas, da “reportagem”, à “literatura” e ao “pensamento criador” [...] (PÊCHEUX, 1983, p.168)

Ao se utilizar de figuras de linguagem, as autoras importam para o trabalho suas impressões e crenças pessoais sobre a temática abordada que é a situação de mulheres que estão presas e também grávidas. Mesmo sendo um material de cunho jornalístico, é notável a presença de outros discursos além do jornalístico na reportagem, o que faz jus ao que é proposto por Pêcheux ao afirmar que “a ideologia não existe senão por e para os sujeitos” (PÊCHEUX, 1983, p.183).

Aspectos metodológicos e de análise

A reportagem intitulada *Cela 15 – Ventres Encarcerados* foi obtida a partir da plataforma de publicação digital *Issuu*.⁴ A publicação foi realizada por uma das autoras, Daniella Fechine, no ano de 2016.

Para a análise discursiva do produto jornalístico em questão, fizemos a seleção dos enunciados para, posteriormente, apontarmos qual o discurso predominante presente no mesmo. A seleção dos enunciados foi feita levando em consideração o conceito de enunciado proposto a seguir:

Nós partimos da seguinte premissa, ao definir que: Enunciado é uma perícope/sintático/linguística, voltada para a propriedade delimitativa de análise dos efeitos de sentido, visando ao trabalho de descarte do analista (SILVA, 2022, p.209).

A partir desse conceito, e após leitura e análise discursiva, tornou-se perceptível a existência de um discurso predominante no decorrer de toda a reportagem. Por essa razão, optamos por selecionar os enunciados que corroboravam com essa predominância discursiva observada.

⁴ Disponível em: https://issuu.com/danifechine/docs/cela_15_ufpb

A divisão dos enunciados se dará através da numeração dos mesmos, começando em E1, E2, E3... e assim por diante. Essa divisão é realizada para que possa ser percebido dentro da reportagem o não-dito e o discurso predominante naquele enunciado em específico. Assim, após a análise de todos os enunciados foi possível afirmar qual o discurso prevalente na reportagem aqui analisada. A divisão dos enunciados ficou da seguinte maneira:

E1. O verde vivo da grama depois do grande portão azul contrastava com o concreto desgastado das celas. O muro que separa dois mundos não é mais alto que os sonhos de quem vive entre grades e paredes.

Aqui, percebemos que o sujeito jornalístico começa a se utilizar do discurso literário na construção da matéria. Existe nesse enunciado a presença de metáforas e de uma adjetivação, funções retóricas utilizadas principalmente na linguagem literária. Ao empregar o discurso literário no texto, cria-se duas nuances, uma representa aquilo que é colorido, como a grama que é de um verde vivo e o portão que é azul, mas, ao mesmo tempo, existe o muro, que não possui cor.

E2. As escrituras bíblicas e frases de amor grafadas em tintas de caneta BIC nas paredes, parece ser uma tentativa latente e desesperada de trazer vontade de vida para dentro das grades. As paredes falam, mas no local é também possível ouvir choros.

Partindo do **E2** em diante começamos a perceber uma forte presença do discurso religioso na reportagem, devido a menção da existência dos textos bíblicos nas paredes.

E3. A mãe, sem notícias, achou que havia perdido a filha para sempre. Três dias separaram a morte da vida. A notícia chegou por meio da melhor amiga de Joana, que avisara, enfim, da sua prisão. “Minha mãe me deu como morta. Ela não acreditou que eu tava presa.” A realidade chegou sem avisar. Há quatro meses Joana não recebe visitas.

No enunciado acima, podemos perceber que se entrecruzam dois discursos: o familiar e o religioso. No trecho que diz: “a mãe, sem notícias, achou que havia perdido a filha para sempre”, interdiscursivamente notamos o acionamento da parábola bíblica do

*Filho Pródigo*⁵ contada no livro de Lucas, a partir do capítulo 15. Já no trecho em que Joana afirma que a mãe não acreditou na sua prisão e lhe deu como morta, se faz fortemente presente o discurso familiar, sendo o efeito de sentido aqui o de quando o filho comete um erro muito grave, se torna menos doloroso para a família considerar esse filho morto do que manter os laços familiares. O não-dito aqui é que seria por esse motivo que Joana não mais recebe visitas.

E4. Diante de uma realidade ainda desconhecida, Joana se viu perdida em um mundo sem cor. Achava que aquilo nunca poderia lhe acontecer, até que “caiu” na prisão. Agora o único consolo é a espiritualidade que aumenta com o passar dos dias.

Aqui, novamente vemos um enunciado que é marcado pelo discurso religioso. Além disso, podemos notar como o fio discursivo é construído de forma coerente ao longo dos enunciados sete, oito, nove e dez. Uma vez que já sabemos que Joana é uma pessoa que iniciou sua vida adulta de forma precoce, aqui teremos a retomada dessa ideia, sendo dito que ela estaria diante de uma realidade ainda desconhecida, ou seja, desconhecida devido à sua inexperiência. Não obstante, há também a retomada da parábola do *Filho Pródigo*, quando se afirma que ela se encontra perdida. A escolha do vocábulo ‘caiu’ também possui um efeito de sentido muito forte na formação discursiva religiosa. Geralmente se coloca que quando uma pessoa vive uma vida de pecados, ela vive caída, ou seja, é um paralelismo acionado na construção da reportagem.

E5. Apega-se a uma fé que antes desperdiçava. Encontra em Deus o conforto que as camas de concreto não são capazes de lhe dar. O sol brilha muito fraco na pequena janela gradeada, mas a luz que procura só pode ser encontrada nas palavras que lê como oração durante os cultos semanais.

Novamente, o discurso religioso é predominante e, mais uma vez, encontraremos a relação de contraste feita durante toda a matéria. É passado o efeito de sentido que Deus é afeto, conforto e, já as grades, representariam a falta de luz, o desconforto, a angústia e o mal. O sujeito jornalístico afirma que dentro do cárcere a luz é impedida de entrar pelas

5 O filho lhe disse: ‘Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho.’ Mas o pai disse aos seus servos: ‘Depressa! Tragam a melhor roupa e vistam nele. Coloquem um anel em Pois este meu filho estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado.’ (BÍBLIA, Lucas, 15:21-24)

grades, mas a luz que Joana procura só pode, exclusivamente, ser encontrada nas palavras dos cultos semanais. Ou seja, além de se caracterizar como um discurso religioso, ainda é analisado como um discurso religioso cristão protestante.

E6. Algumas pessoas encontram no silêncio o próprio questionamento da vida. Falam para si e consigo, mas liberam nas expressões traços pessoais simples de perceber. Falam com os olhos, com as mãos e com a imobilidade do corpo. Carregam nas expressões marcas de um passado que parece mais longínquo que o real. Entre tantas vozes dentro de uma só cela, um silêncio falava mais alto que todas elas.

Aqui é acionado, em princípio, o discurso jornalístico literário, uma vez que este prega a escuta atenta, a conversa prévia com a personagem e a transcrição do que estas dizem.

E7. Entrou no sistema penitenciário grávida de cinco meses. Carregava João, o futuro de uma vida diferente do crime. Ansioso para vir ao mundo, o pequeno ainda não sabia que cresceria até os oito meses cercado de grades e entre quatro paredes riscadas por versículos bíblicos.

Ao olharmos através da perspectiva das condições de produção do discurso, o que percebemos é que o sujeito jornalístico opta por ocultar os nomes reais das pessoas que compõem a matéria, utilizando nomes fictícios no lugar, e não à toa apresenta-se o nome de João, que aparece na reportagem acionando um discurso religioso. Há dois Joãos na bíblia e ambos terminaram suas vidas presos. Esse sentido de dualidade também será empregado no texto, havendo o João, filho de Samara, que entrou no cárcere junto com a mãe, quando esta ainda lhe carregava no ventre. E há João, apóstolo que é autor do livro de Apocalipse e que se encontrava preso na ilha de Patmos quando o escreveu, como comprova o trecho retirado da bíblia, do livro de Apocalipse, capítulo um, versículo nove:

Eu, João, irmão vosso e companheiro convosco na aflição, no reino e na perseverança em Jesus, estava na ilha chamada Patmos por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus. (BÍBLIA, Apocalipse, 1:9)

Ainda no mesmo enunciado, o sujeito jornalístico afirma que o filho de Samara, João, cresce cercado de grades e entre quatro paredes riscadas por versículos bíblicos,

estabelecendo um paralelismo discursivo novamente com o João apóstolo, que também se ver cercado de escrituras bíblicas dentro do cárcere, uma vez que escreve o livro de Apocalipse.

E8. Dois mundos antagônicos divididos por um muro. Realidades de vidas distintas, mas com causas criminais iguais. Ao entrar na Penitenciária Maria Júlia Maranhão, você pode seguir dois caminhos: o da Cela 15 ou o do corredor.

A partir do enunciado oito, iremos ver que há uma divisão também dentro da penitenciária e essa divisão será expressa como “mundos”. Ou seja, a ideia passada é de que existem perspectivas de vida diferentes apesar de estar dentro do mesmo sistema penitenciário. No trecho: “Ao entrar na Penitenciária Maria Júlia Maranhão, você pode escolher dois caminhos”, será acionado o discurso religioso, através da interdiscursividade com o versículo bíblico que diz:

Prestem atenção! Hoje estou pondo diante de vocês a benção e a maldição. Vocês terão benção se obedecerem aos mandamentos do Senhor, o seu Deus, que hoje estou dando a vocês. Mas terão maldição se desobedecerem aos mandamentos do Senhor, o seu Deus, e se afastarem do caminho que hoje ordeno a vocês. (BÍBLIA, Deuteronômio, 11, 26-28)

A partir disso, um efeito de sentido é aqui construído, uma vez que só quem segue para a Cela 15 é quem deu à luz, ou seja, gerou uma vida.

O discurso religioso fica constatado quando observamos que o sujeito jornalístico afirma que “você pode seguir dois caminhos: o da Cela 15 ou o do corredor”, quando, na realidade, as detentas não possuem essa escolha porque só quem vai para a Cela 15 são as presas gestantes, não sendo uma questão de opção, mas sim de situação.

E9. Entrando no portão da esquerda, o silêncio é escutado com tranquilidade. Alguns choros de bebês ecoam no local, mas nada perturbador. O ambiente é quente, mas suportável. Ventiladores auxiliam a entrada de ar nas celas. Escolhendo o portão da direita e mais alguns passos à frente é possível ouvir um barulho desconfortante de muitas vozes falando ao mesmo tempo em um lugar pequeno.

Mais uma vez, a sustentação de um discurso religioso permanece. Como vimos no enunciado anterior, a prisão seria dividida entre a Cella 15 e um corredor, este com mais 14 celas. A Cella 15, posta na reportagem como o caminho da vida, aparece como um local de silêncio e tranquilidade. É dito também que alguns choros de bebês ecoam no local, mas não é nada perturbador. O choro de bebê vai indicar a inocência da criança. O inocente, dentro da perspectiva religiosa, sempre está no caminho da vida. Ainda é contado que o ambiente é quente, mas suportável devido a presença de ventiladores que ajudam na entrada de ar na Cella 15. O ventilador remete a ideia de refrigério e de alívio, que é muito comum no discurso religioso rogar por isso, como vemos no versículo: “Refrigerar a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome.” (BÍBLIA, Salmos, 23:3).

É interessante notar também que o sujeito jornalístico utiliza o verbo ‘escolhendo’ para se referir ao corredor com as quatorze celas. Todo discurso é passível da lei de desigualdade, contradição e subordinação. E aqui, ao empregar a palavra ‘escolhendo’, é criada uma contradição no texto, posto que, não se trata de algo passível de escolha. Não se pode escolher ir para esquerda ou direita nesse contexto, o que reforça ainda mais o discurso religioso.

Ainda no **E9**, teremos que, ao contrário do que é encontrado na Cella 15, no corredor o que há é um barulho desconfortante, muitas vozes e um espaço apertado. Havendo aqui um sintagma com a ideia de inferno descrita na Bíblia, podendo ser exemplificado com passagem do capítulo 13 do livro de Lucas: “Ali haverá choro e ranger de dentes, quando vocês virem Abraão, Isaque e Jacó e todos os profetas no Reino de Deus, mas vocês excluídos.” Sendo tipicamente o espaço, na reportagem, do corredor. Onde não há mais refrigério.

E10. No corredor, o clima, na verdade, é muito quente. As pessoas se olham com uma curiosidade maldosa que escondem segundas intenções e reclamam constantemente da lotação. Vivem também uma espécie de escambo. Algumas são manicures, outras auxiliam no alisamento dos cabelos. No corredor, o crime pertence a uma só pessoa. Na Cella 15, um inocente também leva a culpa.

No último enunciado, o discurso religioso continuará a ser perpassado quando se afirma que o clima é muito quente, trazendo a relação metafórica de inferno e de ardor. E

essa metáfora é reforçada quando é afirmado que: “As pessoas se olham com uma curiosidade maldosa que escondem segundas intenções.” A expressão ‘segundas intenções’ tem o efeito de sentido de que se trata de intenções não ortodoxas e não verdadeiras.

Por fim, no último parágrafo, é dito que: “No corredor, o crime pertence a uma só pessoa”, já na Cella 15 é afirmado que: “um inocente também leva a culpa.” Dessa forma, o discurso religioso é acionado novamente. A ideia de um inocente (o que apresenta contradição já que não há apenas uma criança na Cella 15) remete à história de Jesus Cristo, que também era inocente e levou a culpa por algo que não cometeu e por pecados que não eram seus.

Considerações finais

Pelo que foi elucidado ao longo da pesquisa, é possível afirmar que a reportagem Cella 15 - Ventres Encarcerados, analisada utilizando-se do dispositivo teórico da Análise do Discurso Francesa, aqui representada por Michel Pêcheux, é uma reportagem construída com os moldes estruturais e textuais que correspondem àquilo que caracteriza o Jornalismo Literário. Porém, em termos de teor discursivo, o discurso que predomina é o religioso.

Vimos que o Jornalismo Literário, também conhecido como Novo Jornalismo, defende uma nova forma de fazer notícia que carrega características próprias tanto do gênero literário como do gênero jornalístico.

Além disso, o Aparelho Ideológico de Estado religioso é favorecido pelo discurso predominante sustentado na reportagem, que é o discurso religioso.

Apesar de ser uma reportagem sobre mulheres que cumprem pena em decorrência de algum crime cometido, nada é falado sobre tais crimes. Não sabemos por que cada mulher está ali e, mais do que isso, em muitos momentos no texto os crimes cometidos pelas personagens são atenuados como erros e, até mesmo, pecados, meros desvios do caminho de Deus. Isso pode ser exemplificado em fragmentos como o visto no enunciado onze que diz: “Achava que aquilo nunca poderia lhe acontecer até que caiu na prisão. Agora o único consolo é a espiritualidade que aumenta com o passar dos dias. Apega-se a uma fé que antes desperdiçava.” Assim, a partir desse discurso religioso, se conclui que a detenta “caiu” na prisão, o que podemos considerar um eufemismo que suaviza sua

culpa e, por fim, esse cair acabou por ser a razão que lhe colocou novamente no caminho da religiosidade, que antes não era valorizada em sua vida.

O discurso religioso continua a ser perpetuado ao longo de quase toda a reportagem. No enunciado doze, o sujeito jornalístico põe que: “Apega-se a uma fé que antes desperdiçava. Encontra em Deus o conforto que as camas de concreto não são capazes de lhe dar.” A partir de colocações como essa, é possível concluir o apelo à religiosidade como a única forma de seguir uma vida de conforto e fora da prisão, nos fazendo interpretar, a partir do discurso religioso, que se a detenta não houvesse desperdiçado sua fé não estaria agora presa.

Através do discurso religioso, não só há o favorecimento do AIE religioso sobre o AIE jurídico, como também esse é representado até como uma forma mais eficaz de ressocialização do que deveria ser o sistema carcerário-penal.

Dessa forma, o que inferimos como resultado da análise é um estranhamento do discurso jornalístico com a reportagem construída, que aciona e privilegia o discurso religioso ao invés do jornalístico. O que ilustra o que é próprio do conceito de Formação Discursiva, proposto por Pêcheux, que através da ideologia o sujeito terá relações privilegiadas com algumas Formações Discursivas em detrimento de outras.

Em síntese, o que é predominante na reportagem é o discurso religioso-familiar, com forte enraizamento na religiosidade cristã-protestante. Ao entrar em contato com Cella 15- Ventres Encarcerados, o discurso esperado de se encontrar seria o familiar, sobretudo o materno. Esperava-se que fosse abordado o vínculo entre mãe e filho dentro de condições tão desfavoráveis para um ato tão belo que é o de gestar, dar à luz e criar uma vida, porém o conteúdo analisado nos mostrou uma perspectiva discursiva descoincidente desta.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Lisboa: Martins Fontes, 1971. p. 9-120.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro – RJ: King’s Cross Publicações, 2006

BORGES, Valdeci Rezende. **História e literatura**: algumas considerações. Revista de Teoria da História, Goiás, v. 1, n. 3, p. 94-109, jun./2010. Disponível em:

<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/471>. Acesso em: 4 jan. 2023.

BRASIL, Luciana Leão. **Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: Desdobramentos importantes para a compreensão de uma Tipologia Discursiva.** Linguagem, Catalão, v. 15, n. 1, p. 171-182, jan./2011. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/lep/article/view/32465/17293>. Acesso em: 23 set. 2022.

ISSUU. **Cela 15 – ventres encarcerados.** Disponível em: https://issuu.com/danifechine/docs/cela_15_ufpb. Acesso em 8 set. 2022.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica afirmação do óbvio.** 5. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 1983. p. 87-185.

ROCHA, F. A. D. MAINGUENEAU, D. **Discurso literário.** Trad. A. Sobral. São Paulo: Contexto, 2006, 329 págs. Cadernos de Linguagem e Sociedade, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 77–81, 2010. DOI:10.26512/les.v9i2.9247. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/9247>. Acesso em: 8 mar. 2023.

SILVA, Moisés de Araújo. **Ler o enunciado hoje: concepções e implicações para a metodologia de análise do discurso.** Temática, v. 18, n. 6, p. 1-15, 21 jun. 2022.